

## Apresentação do Dossiê nº 16: As Guerras e a Morte

■

**D**iferente de qualquer outro tipo de morte, morrer na guerra envolve uma dimensão singular nas diferentes sociedades. Uma pluralidade de sentimentos está presente neste evento. A morte pode ser heroica ou terrível, ela é temida e ao mesmo tempo esperada, injusta e até aceita. O sepultamento pode ser provisório ou permanente, pode existir mais de um sepultamento para o mesmo cadáver, a memória dos mortos pode ser amplamente celebrada e rememorada ou simplesmente ignorada. O morrer em guerra evidencia um léxico com destaque para termos como honra, glória, sacrifício, amor à pátria, grandeza humana, dependendo do contexto em que estes homens caem sobre o campo de batalha.

\* Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente é professora de História na Secretaria do Estado de Educação do Paraná. CV: <http://lattes.cnpq.br/0552725334374907>

\*\* Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. UNISSECAL, Brasil. Atualmente é coordenador/professor curso de jornalismo da Sociedade Educativa e Cultural Amélia (UNISSECAL). CV: <http://lattes.cnpq.br/8230239834363776>

A maneira como a sociedade relaciona-se com a morte em guerra aparece na historiografia a partir de diversas perspectivas, inclusive na lacuna e no silêncio sobre a temática. Jay Winter demonstra como os atos de não-fala performativos destacam-se nesta linguagem da guerra, tais como minuto de silêncio, omissões históricas em museus, ausências nas estatísticas, traumas dos soldados envolvidos nos conflitos, etc. (WINTER, 1998, p.310). Somados a estes, os esquecimentos deliberados ou não nas celebrações e datas cívicas evidenciam maiores dificuldades em compreender os conflitos para uma abordagem da morte na guerra.

Diante de tantos desafios, os debates historiográficos sobre o morrer na guerra se encontram em plena expansão nas últimas décadas. Cada vez mais pesquisas demonstram a diversidade de abordagens e metodologias neste ramo do conhecimento. Aspectos sobre a morte na guerra enquanto objeto de estudo são reveladores da história cultural, política e institucional das sociedades nas quais se inserem. A diversidade de fontes que informam ao historiador sobre as atitudes e representações da morte possui uma amostra no presente dossiê. Pesquisas que usam fontes de imprensa, fotografias dos mortos, filmes, espaços com as memórias dos mortos, compõem o presente número demonstrando a vitalidade da temática para a historiografia brasileira.

As transformações das atitudes diante da morte na guerra permitem a compreensão da dinâmica e os mecanismos pelos quais a instituição da guerra ainda apresenta legitimidade nas sociedades contemporâneas. Neste sentido, cemitérios e memoriais dos mortos caracterizam-se por serem espaços que fornecem um sentido sacrificial destas perdas. Estes espaços contextualizam a dor da perda e celebram sentimentos de coragem e bravura individual. No tratamento com os mortos, a memória e as formas de comemoração revelam nossa relação com a história. As pesquisas aqui apresentadas não pretendem reproduzir as experiências internacionais relacionadas à questão da memória, por exemplo, mas fornecem reflexões que contribuem para o avanço do conhecimento nessa área de nossos conflitos armados.

No primeiro artigo, *As carneiras da civilização caboclo-sertaneja no contestado: morrer e enterrar antes e durante a guerra: uma primeira leitura sobre a cultura fúnebre, crematórios e valas comuns*, Nilson César Fraga trabalha uma questão bastante importante para compreender um pouco sobre a identidade do espaço do Contestado, em Santa Catarina, palco de enfrentamento entre pequenos proprietários de terra, posseiros e moradores locais contra tropas do Estado brasileiro entre 1912 e 1916. O autor aborda de que forma os cemitérios, depositários dos restos mortais dos tombados naquele conflito, transformaram-se ao longo das décadas em espaços de memória coletiva, ajudando na composição do que o autor chama de uma geografia da morte. Fraga mapeia alguns destes campos-santos e aponta as formas de extermínio daquele povo em batalhas que até hoje mostram o quão desigual foram os embates que se deram, do ponto de vista estratégico e logístico, com forças treinadas lutando contra uma população rural transformada em "soldados".

No artigo seguinte, *O contestado e a construção do mito do herói de guerra João Gualberto*, de Ana Paula Motta e Adriane Piovezan, o mesmo conflito no Contestado é estudado descrevendo como outra parte da sociedade, formada principalmente pelas elites paranaenses, e por meio da imprensa, elegeu João Gualberto, oficial militar morto na



batalha de Irani, ao patamar de herói. Como bem lembra Nelson Traquina, teórico da área do jornalismo, a imprensa apresenta recortes dos pensamentos de uma sociedade por meio das notícias (TRAQUINA, 2005). Foram aqueles recortes que transformaram a morte do oficial em um exemplo de heroísmo no cumprimento do dever, contrastando com a imagem do povo que era retratado como o vilão da história.

Os recordatórios militares alemães da Segunda Guerra Mundial são objeto de pesquisa de Wilson de Oliveira Neto, em *A morte em combate e suas fontes históricas: os recordatórios de militares alemães da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945)*, que analisou 36 desses pequenos documentos oriundos de sua própria coleção, no artigo conseguindo qualificá-los quanto à impressão, origem, imagens e textos mais comuns. O autor revela-nos como a morte era vista pelos membros da Wehrmacht e, de forma geral, pela própria sociedade alemã.

Em *A morte nos filmes soviéticos e russos sobre a Segunda Guerra*, ao tratar da Segunda Guerra Mundial, desta vez em obras cinematográficas soviéticas e russas a respeito da contenda, Moises Franciscon faz uma seleção de 54 filmes sobre a temática, com recorte para enquadramentos sobre a morte, produzidos entre 1945 até em 2019. O autor faz uma interessante construção de como a extinção da vida era retratada naquelas obras, passando desde uma morte “higienizada” até a morte heroica, muito comum atualmente, com a utilização do cinema para questões políticas daquele tempo e dos tempos recentes.

Por fim, encerrando a temática da Segunda Guerra Mundial, Luiz Antônio Pinto Cruz e Lina Maria Brandão de Aras refletem sobre as mortes de brasileiros por torpedeamentos ao largo da costa de Sergipe, em 1942, no artigo *Sob a maré da história: os naufragos mortos da guerra submarina na costa de Sergipe (1942)*. Os autores recordam que naqueles dias, a maré trouxe literalmente os corpos vítimas dos alemães para as areias brancas de praias do Sergipe, de modo que a presença dos corpos processasse a realidade de que a guerra era um fato próximo, em que pessoas reais estavam falecendo e que, portanto, o ataque inimigo não poderia passar impune. São apresentados, também, monumentos que servem como memória daqueles brasileiros e brasileiras que perderam a vida durante o ataque do U-507.

Todos os textos apresentam conexões entre si e em todos é possível observar e refletir sobre a maneira pela qual a lembrança da morte é algo inerente à espécie humana e de como ela serve para marcar ou sinalizar inícios e fins de períodos. As pesquisas aqui apresentadas demonstram o fortalecimento dos estudos da morte na guerra por parte de nossos historiadores. Diversidade de fontes e de abordagens indicam como o campo motiva diversas contribuições. Boa Leitura!

## Referências Bibliográficas

Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.

Winter, J. (1998). *Sites of Memory, Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History*. United Kingdom: Cambridge University Press.

